

Estimado compañero: A negação da homossexualidade e construção de corpos úteis e viris

Estimado compañero: The denial of homosexuality and the construction of useful and virile bodies

Amanda Aparecida Gomes Rodrigues¹

Resumo: Quando estudamos sobre o ideal de “homem novo” em Cuba alguns aspectos nos saltam aos olhos, sendo o principal deles a homossexualidade. Pensando nisso, o presente trabalho busca compreender como o ideal de “homem novo”, cunhado por Ernesto Che Guevara, influenciou as sexualidades e os corpos na década de 1960. Entende-se esse ideal de maneira mais ampla, como algo que perpassa as fronteiras de Cuba, e a Revolução. Ao analisar o ideal de “homem novo”, buscamos compreender ele de maneira mais ampla, uma vez que foi forjado em diversas temporalidades e localidades. Para tal investigação foram usados principalmente o texto de Guevara “*el socialismo y el hombre en cuba*”, e o discurso de Fidel Castro de 13 de março de 1963, que trabalham mais detidamente o que seria o “homem novo” de uma sociedade socialista e como transformar a consciência de um homem símbolo de uma sociedade “velha”.

Palavras-chave: Homem novo. Homossexualidade. Cuba.

Abstract: When we study the ideal of the "new man" in Cuba, some aspects jump out at us, the main one being homosexuality. With this in mind, this paper seeks to understand how the ideal of the "new man" coined by Ernesto Che Guevara influenced sexualities and bodies in the 1960s. Understanding this ideal in a broader way, as something that goes beyond the borders of Cuba, and the Revolution. In analyzing the ideal of the "new man", we seek to understand it in a broader way, since it was forged in various temporalities and localities. For this investigation we used mainly Guevara's text "el socialismo y el hombre en cuba", and Fidel Castro's speech of March 13, 1963, which work more thoroughly on what would be the "new man" of a socialist society, and how to transform the consciousness of a man symbol of an "old" society.

Keywords: "New man". Homosexuality. Cuba.

¹ Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: amandagomes324@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-3169-6333>.

Introdução

Ao estudarmos sobre a homossexualidade em Cuba na década de 1960 um dos principais aspectos que nos saltam aos olhos é a questão do ideal de “homem novo”. Tais assuntos parecem estar diretamente ligados dentro da sociedade cubana. No entanto, quando nos aprofundamos nesse ideal percebemos que tal modelo não é uma aspiração somente cubana, muito menos apenas socialista. Observamos também que um de seus principais teóricos na ilha caribenha, Ernesto Che Guevara, não foi o primeiro a teorizar sobre o “homem novo” dentro de uma sociedade socialista. Segundo Luiz Bernardo Pericás (1998, p. 101), desde Marx e Engels até Mao Tsé-tung tem-se elaborações sobre esses temas. A construção do “homem novo” passaria por uma moral comunista que tinha funções claras e específicas que se associaria, no caso soviético, à construção do Estado. Cabe ressaltar também que eles não foram os primeiros a falar sobre o ideal nas sociedades de modo geral.

Tal ideal é amplamente difundido nas mais diversas sociedades, levando em consideração suas especificidades e suas ideologias, ou seja, o ideal de “homem novo” em cada sociedade que o teoriza, leva em consideração as perspectivas ideológicas dos regimes e como aquele ideal vem a servir aquela sociedade em um determinado período. Assim precisamos aqui lembrar que “cada época histórica é marcada pelas teorias, princípios, modelos de concepção de vida política, econômica e cultural” (BASÍLIO, 2011, p. 1). Dessa forma, ao analisarmos o ideal de “homem novo” e para compreendermos ele de maneira mais abrangente, devemos considerar a época em que ele foi cunhado, bem como sua localização geográfica.

A construção do “homem novo” para além das fronteiras cubanas

A concepção desse ideal não é algo inerente ao mundo contemporâneo. Há passagens sobre ele na bíblia, como reconhece o monsenhor Carlos Manuel de Céspedes², *“Efectivamente, este concepto viene de Pablo, quien le dice a los paganos que se han convertido al cristianismo que ya son hombres nuevos. El hombre es nuevo en el mismo momento en que se ha bautizado”* (MADERO, 2014). O “homem novo” da Bíblia é aquele que busca se despir do homem velho, deixa de se corromper por desejos enganosos e ergue-se revestido com a semelhança de Deus (BÍBLIA SAGRADA, EFÉSIOS 4), como colocado em COLOSSENSES 3 (BÍBLIA SAGRADA, VERSÃO ONLINE): “Pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem Daquele que o criou”. Dito de outro modo, ao ser batizado aquele sujeito deveria estar envolto nos valores divinos.

Já no mundo contemporâneo as teorizações sobre o ideal de “homem novo” vão trabalhar de forma distinta, como retratado na opinião do monsenhor Céspedes: *“El hombre nuevo fue un concepto manipulado políticamente que, lejos de servir para el encuentro, sirvió para la confrontación”* (MADERO, 2014). O ideal de “homem novo”, no mundo contemporâneo, pode surgir, muitas vezes, a partir de embates/guerras/disputas políticas. Portugal, por exemplo, foi um país que teorizou sobre o ideal de “homem novo” em meio a derrubada de uma monarquia. Nesse momento o “homem novo”

² A família do monsenhor está em Cuba desde o início da colonização espanhola, e é envolvida na vida política, econômica e cultural de vários momentos históricos da região. Carlos Manuel de Céspedes se formou em Teologia em 1963 pela Pontifícia Universidade Gregoriana, e foi nomeado sacerdote por Antonio Samoré em 1961. Ele voltou a Cuba em 1963, e sua família já havia partido devido as contradições do governo revolucionário na ilha. Veio a falecer em 2014.

português vai surgir com o intuito de legitimar a construção de uma república.

Esse “homem novo” faria frente ao “velho” que estaria enraizado nas veias da monarquia, isto é, ele era visto como uma alternativa para superar a decadência de uma sociedade símbolo do velho (TESSADORI, 2014, p. 11). Contudo, seu cerne circunscrevia em torno de transformar a sociedade e a mentalidade do indivíduo – o que se coloca como um dos muitos pontos de aproximação entre as teorizações do “homem novo” nas diversas sociedades que ele é forjado.

A construção desse “homem novo” português está ligada às questões de caráter religioso. Assim, essa edificação consideraria uma “integridade espiritual” ao qual entregaria ao homem português sentido em uma plena totalidade. Tais teorizações contrapondo outros ideais de “homem novo”, como o ideal libertário, no qual apontava que “A escola racionalista é laica e privada, pois sendo a religião e o Estado sustentáculos dos privilégios sociais só podem oferecer um ensino autoritário e dogmático, a serviço dos dominantes” (RAGO, 1985, p. 149), mas esse homem português pautado em “integridade espiritual” só poderia ser erguido a partir de guerras que interrompessem a paralisia da sociedade fazendo com que o homem rompesse com o velho e formasse sua nova face em algo novo. Assim como aponta Pietro Tessadori (2014) os,

movimentos intelectuais europeus consideram seriamente que a possibilidade de regeneração possa acontecer por meio de um combate violento entre forças antagonistas, única alternativa para superar a decadência de uma sociedade símbolo de um mundo há muito tempo velho (TESSADORI, 2014, p. 11).

A guerra além de despertar a paralisia da sociedade, criaria o “homem novo” que seria capaz de suprimir o egoísmo do indivíduo e

despertar atitudes consideradas virtudes heroicas, enquanto o mundo pré-guerra seria um mundo velho que estaria marcado pela

degeneração do hedonismo aniquila irremediavelmente a sociedade endereçada a uma decadência, que se funda sobre as desigualdades das massas e sobre a alienação materialista, que produz apatia e encoraja comportamentos imorais (TESSADORI, 2014, p. 13).

Esse “homem novo” que nasceria do pós-guerra estaria incumbido “por uma missão civilizadora mundial, que recuperava com um arranco acrobático, o gosto pela vitória conseguida com ligames de irmandade e solidariedade humana entre diferentes classes sociais (TESSADORI, 2014, p. 15). A alienação materialista, a oposição ao velho que levaria a essa “missão civilizadora”, são aspectos que se aproximam, de modo geral, em muitas das teorias sobre esse ideal, tanto no modo socialista, quando no capitalista/liberal.

No entanto, em Portugal esse “homem novo” para além dessas visões, pautava-se em um Estado nacionalista e corporativista, ou seja, o novo homem também tinha o papel de manter o *status quo*. Assim, o homem que foi forjado em Portugal deveria ser controlado para a construção de uma sociedade nova, a qual havia intenções conservadoras e desejos de guiar os jovens ao gosto pela disciplina e devoção pela pátria. Esse “homem novo” deveria,

encaixar-se na ideia de hierarquização social espontânea e harmoniosa, de uma sociedade rigidamente estruturada, por meio de um autoritarismo que o Estado Novo desenvolvia através de uma retórica discursiva preocupada com a desordem e com a agitação social (TESSADORI, 2014, p. 179).

Seguindo a mesma linha de Portugal, o Estado Novo Brasileiro igualmente forja seu próprio “homem novo”, no entanto, esse ideal criado pelo estado novista era pautado no trabalho. Esse “homem

novo” brasileiro surge em meio “as relações que se estabelecem entre trabalho e riqueza e entre trabalho e cidadania” (GOMES, 1982, p. 151). O principal objetivo do Estado Novo ao “montar” esse novo homem era unificar uma grande meta, a qual buscava “transformar o homem em cidadão/trabalhador, responsável por sua riqueza e também pela riqueza do conjunto da nação” (GOMES, 1982, p. 152). Criou-se, então, um pressuposto de que, por intermédio do trabalho, o homem poderia ascender em sua vida social e conquistar cada vez mais bens materiais.

O trabalho internalizaria no homem valores sociais, que levariam o indivíduo a servir sua pátria, criando, assim, um critério de “justiça social”. Nesse sentido, a educação é colocada como fundamental para a construção de um “povo integral adaptado à realidade social de seu país e preparado para servi-lo” (GOMES, 1982, p. 158). Ela criaria homens vigorosos e obedientes que gerariam a sustentação do patriotismo e, assim como o “homem novo” português, essa formação do patriotismo brasileiro seria a noção de que o trabalho criaria modos de ascensão social e uma forma de controlar aqueles indivíduos, mantendo a hierarquia social.

“Homem novo” e a moral socialista

Antes de compreendermos a relação desse ideal com homossexualidade na ilha caribenha, é necessário entendermos sua ligação com a moral, principalmente com a moral socialista. Nas sociedades comunistas a moral era uma questão central para a criação de um homem que rompesse com o imperialismo estadunidense. O princípio comunista se desconectava de um costume cristão, pautado na igreja e em valores burgueses. Com isso, essa moral comunista seria

reconhecida por todos os povos e recebe assim a consagração que nenhuma outra sociedade poderia receber, ao contrário da sociedade burguesa, onde coexistem sistemas opostos de moral e onde a moral das classes exploradoras dominantes é imposta aos trabalhadores com toda a espécie de falsidades. Na sociedade socialista, a moral comunista existente goza do apoio geral. Explica-se desta forma o fato de que, ao contrário da moral dominante nas sociedades internamente antagônicas, que sempre caminha de par, com a religião, tendo necessidade dela como tutor, a moral comunista está liberta de tal união (KOLBANOSKI, 1947).

A moral comunista constituída do ponto de vista do proletariado conduz os homens a uma luta de libertação da humanidade, buscando excluir todas as formas de exploração. Com isso, o socialismo necessitaria de uma renovação do sistema ético dos homens para instituir-se. De acordo com V. Kolbanoski (1947), a

moral comunista deriva seu conteúdo de princípios diferentes. Se, na sociedade baseada nos princípios da propriedade privada dos meios de produção, é alimentada entre os homens a psicologia da propriedade privada em todas suas manifestações amorais, na sociedade socialista, onde existe a propriedade socialista coletiva dos meios de produção, estabelecem-se relações de solidariedade entre todos os seus membros, que possuem interesses comuns, fins comuns e aspirações comuns (KOLBANOSKI, 1947).

V. Kolbanoski considera que a moral burguesa degenera, enquanto a comunista educa. A criação do “homem novo”, a partir do comunismo, deve pautar-se pela honra dos trabalhadores, consistindo em uma solidariedade entre os operários, que desembocaria em uma alta performance no trabalho, assumindo, nesse momento, um papel descortinador e de grande importância para o progresso da sociedade comunista.

Tais considerações sobre a moral resultam no planejamento do “homem novo” a partir da educação que se torna inexistente sem seu viés político. Marx entendia a educação como uma forma de modificar os homens, tanto fisicamente como psicologicamente,

como demonstra Robert Owen, tem crescido a semente de um sistema educacional futuro que combinará o trabalho produtivo com a educação escolar e física para todas as crianças acima de uma certa idade, não só como meio de aumentar a produção social, mas como o único método de produzir seres humanos bem-educados (MARX apud VYGOTSKY, 1930).

A educação vai, assim, ter um papel descortinador nessa transformação do “homem novo”. A educação politécnica – que consistia em superar a divisão entre trabalho físico e intelectual – transformaria as novas gerações e criariam um homem “tipologicamente novo”. A ética do homem soviético também deveria ser baseada no patriotismo, da mesma forma do “homem novo” capitalista/ liberal. No entanto, o patriotismo no comunismo é considerado parâmetro de moralidade, “A moral soviética considera que toda demonstração de hostilidade ou de ódio para com os homens de outra nação é uma violação das mais grosseiras dessa moral” (VYGOTSKY, 1930), enquanto no capitalismo/liberalismo esse patriotismo serviria somente como uma forma de alienação e controle do sujeito.

O homem socialista deve formar-se a partir de uma revolução, trazendo a educação como questão fundamental. Dessa forma, enquanto *“El capitalismo recurre a la fuerza, pero, ademas, educa a la gente em el sistema”*, na sociedade de um “homem novo” socialista *“La educacion directa adquiere una importância mucho mayor”* (GUEVARA, 1988, p. 8). É um processo consciente em que o indivíduo percebe seu poder social e seu impacto naquela sociedade e, ao perceber que não está adequado a ela, auto educa-se. Por consequência, “uma mudança na personalidade humana e uma transformação do próprio homem devem, inevitavelmente, tomar lugar” (VYGOTSKY, 1930).

Em diversas sociedades socialistas, para além de Cuba, aconteceram também teorizações sobre o “homem novo”. Na sociedade moçambicana tal ideal representou o princípio de uma nova identidade nacional, simbolizando um novo poder, um novo Estado. “Os Estados de orientação socialista conservaram uma tradição revolucionária que foi caracterizando as atitudes de uma nova forma de conceber o mundo designada por Homem Novo” (BASÍLIO, 2011, p. 1).

O ideal de “homem novo” na sociedade moçambicana também estava muito ligado ao modelo educacional. Por esse motivo ele foi fundamentado sobre a lei do sistema nacional de educação, que previa que ser um “homem novo” moçambicano significaria ser “livre de dominação estrangeira”, além de ter uma consciência patriótica, ser cientificamente qualificado e culturalmente liberto³. Como o “homem novo” moçambicano assumiria os valores da sociedade socialista, o principal desafio seria a reconstrução nacional pautada em valores socialistas, que transformariam o homem “velho” em um “homem novo” capaz de assumir a direção do novo poder.

O “homem novo” moçambicano deveria ser livre de “todas as tentativas viciosas, livre de concepções supersticiosas e subjetivas”. A construção dele desembocaria na luta de libertação nacional, na qual

³ A lei nº 4/83 de 23 de março de 1983, instituiu que o sistema educacional deveria transmitir às novas gerações “experiências, conhecimentos e valores culturais” com o intuito de “assegurar a reprodução da sua ideologia e das suas instituições econômicas e sociais”. Assim ela estabelecia como direito fundamental de todo cidadão a educação em nível “técnico-científico” sendo um meio de construção das transformações revolucionárias que desembocariam no desenvolvimento do socialismo. A lei buscava também “a erradicação do analfabetismo; a introdução da escolaridade obrigatória; a formação de quadros para as necessidades do desenvolvimento econômico e social e da investigação científica, tecnológica e cultural”. Ver: MOÇAMBIQUE. Lei nº 4/83 de 23 de março de 1983. Institui o Código Civil. Boletim da república: I serie - número 12, Moçambique, p. 13-21, 23 mar. 1983. Disponível em: <https://www.iese.ac.mz/lib/PPI/IESEPPI/pastas/governacao/educacao/legislativo_documentos_oficiais/leiSNE.pdf>. Acesso em: 13 set. 2022.

o novo carregaria um sentido temporal, significando o homem nascido de um tempo e de uma realidade revolucionária. O novo aparece novamente como uma oposição ao velho e “é discutido dialeticamente em oposição à velha sociedade criada e fundamentada pelo imperialismo português” (BASÍLIO, 2011, p. 3).

O “homem novo” era um casamento entre educação e ideologia. Seu objetivo era “transformar todos os valores criados pelo colonialismo e de categorizar novos valores ligados à realidade socialista. O ‘homem novo’ é definido também como seiva da nação e continuador da Revolução Moçambicana” (BASÍLIO, 2011, p. 5). Dessa forma fica claro que a construção da ideologia do “homem novo” antes de ser um discurso político era um discurso moral, nos quais a formação do “homem novo” iria de encontro aos valores do poder vigente.

Um dos ideais de “homem novo” que mais se aproximam do cunhado por Che Guevara é o anarquista, teorizado no Brasil em meio a um crescimento urbano-industrial, no qual o proletariado era visto como selvagem, ignorante e incivilizado, enquanto a indústria constituía-se em “*uma vasta empresa de moralização*” (RAGO, 1985, p. 12). Frente a isso os anarquistas produziram um “homem novo” baseado em valores como o fim da exploração do trabalho, da dominação política, e do Estado, trazendo uma nova proposta educacional percebida para além da política institucional (RAGO, 1985, p. 12).

Os anarquistas diferiam dos marxistas, segundo Margaret Rago, pois

Tendo como horizonte a instituição de uma organização social formada por comunas autônomas livremente federadas, os anarquistas recusam a construção de um partido político revolucionário que deveria liderar a classe operaria enquanto sua “vanguarda revolucionária”. Acreditam que esta

instituição acabaria por reproduzir em seu interior a divisão social entre os que concebem e mandam e os que executam e obedecem, recriando assim relações hierárquicas entre seus próprios membros, tanto quanto entre a “vanguarda” estabelecida e a massa inconsciente. Para os anarquistas, os instrumentos utilizados para a instituição da sociedade libertária devem desde já refletir a natureza da sociedade projetada. A revolução, como progresso de transformação das relações sociais, começa aqui e agora e não depois do salto que “um dia” será dado, salto revolucionário, depois que a ditadura do proletariado, momento transitório segundo Marx, for extinta. (RAGO, 1985, p. 158).

Contudo a construção de um “homem novo” anarquista tinha também seus pontos de aproximação e de distanciamento do “homem novo” de Guevara. O modelo anarquista de homem aproxima-se do modelo socialista quando teoriza sobre o respeito mútuo, buscando não incentivar a competição, bem como ocorre nos modelos burgueses, mas sim a cooperação entre os sujeitos. Ambos os modelos escrevem sobre autoemancipação. Che acreditava que deveria educar os homens até o momento em que eles teriam uma consciência de autoeducar-se pensando no coletivo. No modelo libertário – por mais que não acreditassem em um processo “cientificamente assegurado” – uma mudança radical estaria nas mãos dos sujeitos que com seu esforço pessoal se “autoemancipariam” formando um “homem novo”. (RAGO, 1985, p. 154). No entanto no modelo anarquista, o homem não deveria ser controlado pelo estado, deveria ser “um animal selvagem”, Rago traz que,

O homem novo anarquista deve ser capaz de andar sobre as próprias pernas, voar com asas seguras para espaços novos e desconhecidos, aventurar-se mergulhar profundamente. Nada disso é possível com uma educação que exige obediência e submissão: aos pais, aos mestres, aos chefes, aos governantes, aos preconceitos, a toda sorte de imposições (RAGO, 1985, p. 148).

Tal visão é oposta a de Che, uma vez que o “homem novo” socialista deveria ser um defensor de sua pátria, um guerrilheiro, que não teria preguiça, vergonha ou medo de defendê-la em sua coletividade, inspirando-se na sua vanguarda revolucionária. Outra divergência entre os dois ideais está posta nos estímulos morais e físicos. Tanto Che quanto a concepção libertária concordavam que os castigos e repressões, bem como os prêmios materiais eram fundamentos burgueses, que ia de desencontro com um “homem novo” fora daquela sociedade, um “homem novo” pautado em outros valores. Porém, Che, ainda assim, acreditava em estímulos morais, e se utilizava de estímulos materiais – mesmo que buscasse extingui-los – para transformar a consciência dos homens. Em contrapartida, os libertários acreditavam que não deveriam haver “Nem prêmios, nem punições, nem castigos físicos ou morais, hierarquizando os indivíduos, distribuindo-os nas escolas do melhor ao pior, do mais bem comportado ao preguiçoso, estimulando as rivalidades, e catalogando” (RAGO, 1985, p. 149).

Contudo a pedagogia libertária, segundo Rago,

propunha a superação da divisão do trabalho manual e intelectual, de modo que a humanidade pudesse recuperar sua unidade originária perdida. A sociedade cindida entre aqueles que detém o saber e aqueles que executam as tarefas braçais só pode comportar relações de dominação; assim, a superação da divisão social do trabalho só poderia ser conseguida na medida em que todos pudessem exercer simultaneamente atividades manuais e intelectuais, sem privilégio da instrução a uns e todo trabalho físico e alienante a outros. Portanto, desde a própria escola, o aluno deveria participar da fabricação dos instrumentos didáticos, da manutenção das salas, do cuidado com os jardins e bibliotecas, tornando-se um sujeito ativo no processo pedagógico em todos os sentidos. O que seria, também, uma maneira de quebrar a hierarquia e a distância dos papéis atribuídos a professores, alunos e funcionários, evitando que cada um se especializasse rigidamente em uma atividade limitada. Além disso, defendia-se a aprendizagem de um ofício manual na escola, que habilitasse os alunos pobres a enfrentarem as contingências da vida. (RAGO, 1985, p. 152).

O que vai de encontro com a perspectiva de Che sobre trabalho voluntário e da quebra de hierarquização entre os indivíduos que estaria posta em uma sociedade burguesa. Pode-se observar que existem diversas teorizações sobre a criação de um “homem novo”, nos mais diferentes períodos, que se encontram em alguns pontos e se distanciam em outros. No caso cubano, Che almejava um indivíduo socialista capaz de construir uma sociedade econômica e moralmente socialista, erradicando crenças limitantes que eram pautadas em uma sociedade capitalista. Ou seja, Che mirava suas teorizações em um padrão de guerrilheiro másculo e viril, capaz de construir uma sociedade fora dos moldes sociais e ideológicos do capitalismo. Para isso era fundamental forjar um sujeito que aliaría o trabalho físico com uma mentalidade coletiva.

Todas as teorizações aqui expostas têm seus pontos divergentes – algumas delas baseiam-se em valores religiosos, outras buscavam fomentar o trabalho como forma de construção de uma identidade nacional –, mas também pontos em comum, mesmo aspirando sociedades distintas. Em Cuba o “homem novo” coloca-se em um momento que a ilha caribenha travava batalhas geopolíticas intensas e buscava-se um homem viril, trabalhador e comprometido com sua pátria acima de tudo. Assim a implementação do “homem novo” cubano torna-se uma questão que vem acompanhada pelo ideal político-ideológico de Ernesto Che Guevara, segundo Abel Madero (2014),

El hombre nuevo para el Che, además de tener otros valores, era aquel capaz de dar su vida en la guerrilla, de trabajar en el campo, no el hombre que debía cuidar a un viejito en un asilo o ayudar desinteresadamente a un vecino ni nada de eso (MADERO, 2014, p. 2).

Pois, como disse Fidel Castro, a sociedade cubana “*Es una patria, una patria que necesita producir para vencer las enormes dificultades*” por isso “[...] *la revolucion no tiene ninguna obligaciones de tolerar vagos*” (CASTRO, 1963, p. 14), ou seja, tolerar indivíduos que não estão dispostos a contribuir com a revolução em Cuba. O “homem novo” tinha o papel de transformar esses “vagos” em homens úteis para a revolução, visando uma transformação da sociedade, no qual o homem do futuro teria um papel central na superação do velho e de uma sociedade de exploração do homem pelo homem.

O “homem novo” e a homossexualidade em Cuba

Em Cuba mediante a uma luta de construção de um “homem novo” e a disputas geopolíticas mundiais, a homossexualidade na década de 1960 era vista como um distúrbio capitalista, que poderia ser um risco à Revolução. Portanto, era parte do sistema símbolo do “velho”. Fidel Castro em uma entrevista diz que,

Não podemos, no entanto, chegar a acreditar que um homossexual pode reunir as condições e os requisitos de conduta que nos permitiriam considerá-lo um verdadeiro revolucionário, um verdadeiro militante comunista. Um desvio dessa natureza está em contradição com o conceito que temos sobre o que deve ser um militante comunista. Mas sobretudo, não acredito que exista alguém com uma resposta definitiva sobre a causa da homossexualidade. Creio que a questão deve ser estudada muito cuidadosamente, mas quero ser sincero e dizer que aos homossexuais não se deve permitir ocupar cargos em que possam exercer influência sobre os jovens. Sob as condições em que vivemos, a causa dos problemas que nosso país enfrenta, devemos colocar os jovens sob o espírito da disciplina, da luta e do trabalho (CASTRO, 2016 apud CASTRO, Grasielle, 2016).

Assim o serviço militar obrigatório (SMO) teria a função de ensinar por meio da disciplina militar os jovens “não aptos” a serem

jovens úteis a sociedade que ali se formava, tornar eles homens novos. Sobre isso Abel Madero (2016), aponta que,

Ya en 1964 Fidel Castro se vanagloriaba del impacto que el smo estaba teniendo en la juventud cubana y resaltaba el fracaso de instituciones como la familia y la escuela en la educación de los jóvenes. “Pues bien, lo que no pudieron enseñarles en la casa –señalaba–, lo que no pudieron enseñarles en la escuela, lo que no pudieron enseñarles en el instituto, lo aprendieron en el ejército, lo aprendieron en una unidad militar.” (MADERO, 2016, p. 4).

Raúl Castro Ruz partilhava de mesma opinião do irmão e colocava como necessário à construção de jovens revolucionários e de uma Revolução livre de valores imperialistas: *“una juventud con un carácter templado”, “forjado sobre el sacrificio”. Una juventud que se inspirara “no en los bailadores de twist ni de rock and roll, ni tampoco en las manifestaciones de alguna pseudointelectualidad”,* livre assim *“de todo lo que debilita el carácter de los hombres”* (MADERO, 2016, p. 4). O “homem novo” cubano aspirava-se na vanguarda revolucionária, essa que seria o modelo de homem do futuro disposto a dar sua vida pela revolução. Quando Reinaldo Escobar⁴ fala sobre os militantes da União de jovens comunistas (UJC)⁵ deixa claro quais valores eram

⁴ Nascido em Camaguey, em Cuba 1947. Em 1971 concluiu jornalismo na Universidade de Havana. Trabalhou como jornalista de 1973 até o final de 1986 na revista Cuba internacional. O jornalista é casado com Yoani Sánchez, e juntamente com ela em 2004 fundou a revista Consenso. De 2014 até o presente momento ele é editor-chefe do jornal digital 14ymedio.

⁵ Criada em 1962 o UJC é uma organização política juvenil instituída pela vanguarda revolucionária, ligada ao Partido Comunista de Cuba. É forjada sobre as concepções marxistas-leninistas e é considerada como a continuação das tradições de guerrilha revolucionária. definida pela rádio rebelde como: vanguarda. *“La Unión de Jóvenes Comunistas tiene que definirse con una sola palabra: vanguardia. Ustedes, compañeros, deben ser la vanguardia de todos los movimientos. Los primeros en estar dispuestos para los sacrificios que la revolución demande, cualquiera que sea la índole de esos sacrificios. Los primeros en el trabajo. Los primeros en el estudio. Los primeros en la defensa del país”.* e seu principal lema é: “Estudio, trabajo e Fusil”. para mais informações ver: ECURED. Unión de Jóvenes Comunistas. Disponível em:

louváveis dentro dessa unidade: o importante era “*haber participado en las zafras del pueblo, haber caminado los 66 kilómetros, subido los cinco picos, aprobado las Escuelas de Instrucción Revolucionaria y, muy especialmente, haber disparado al enemigo, ya fuera en Girón o en el Escambray*” (ESCOBAR, 2016, p. 2).

Em meio a essas questões o ideal de “homem novo” passa a ser associado a valores de honra, coragem e martírio (SANTOS; ARAS, 2011), características que deveriam estar correlacionadas com o guerrilheiro revolucionário, no sentido de que a vanguarda da revolução – aqueles que lutaram pela revolução, os guerrilheiros da *Sierra Maestra* – deveria ser exemplo desse homem másculo e viril, considerado o modelo de um homem socialista.

Esse “homem novo” disputaria as funções mais perigosas apenas pelo bel-prazer de dever cumprido, defendendo as massas populares e fazendo sacrifícios durante os períodos críticos da revolução. O forjar desse guerrilheiro másculo e viril fez surgir no imaginário popular padrões que contribuíram para a perseguição daqueles que não se encaixavam na masculinidade revolucionária, sendo assim considerados como sexualmente “desviados”, e/ou contrarrevolucionário.

Evidentemente que não podemos deixar de esclarecer que tal ideal não foi responsável por fundar as formas de perseguição homossexual ou preconceito sexual, tampouco foi Cuba que concebeu tais preconceitos e machismos ao redor do mundo. Antes da revolução já havia perseguição a grupos LGBTQIA+ na ilha caribenha e a cultura machista transpassava as fronteiras cubanas, estando presente em diversas temporalidades, assim como evidencia Mariela Castro,

<https://www.ecured.cu/Uni%C3%B3n_de_J%C3%BCvenes_Comunistas>. Acesso em 11 out. 2022.

La cultura homofóbica y machista, heredada fundamentalmente del dominio colonial español, ha condicionado las relaciones humanas y las decisiones políticas. La creación de las Unidades Militares de Ayuda a la Producción (UMAP), es un reflejo del manejo social de esos prejuicios (Verdades Ofenden, 2020 apud CASTRO ESPÍN, 2020).

O ideal de “homem novo” vai apenas contribuir para reforçar um padrão básico de homem viril, que conseqüentemente vai gerar uma intensificação da perseguição àqueles homens que estavam fora desses “padrões” de masculinidade forjados em Cuba. À vista disso, os corpos dos indivíduos eram compelidos a modelos, que os definiriam como machos ou “*maricones*”. Mas o forjar desse ideal e a sujeição desses corpos parte de algo mais amplo, um dos principais valores do “homem novo” é a honra, valor esse que na Idade Média era associado à masculinidade e ao Estado. Mario Cesar Lugarinho (2013) ao estudar sobre masculinidades ressalta que,

Se recuperarmos a maneira como essa lógica se manifestou na Idade Média, observaremos que, nas novelas de cavalaria ou nas cantigas de amor, a honra regia a própria masculinidade do indivíduo: defendê-la era defender o soberano, por conseguinte, porque a devoção à dama nada mais era do que metonímia do próprio serviço ao rei e, por conseguinte, da própria masculinidade (LUGARINHO, 2013, p. 16).

Assim, defender a honra seria então defender o Estado. No caso cubano encontramos aproximações com essa honra da Idade Média, na qual a integridade cubana deveria ser conectada ao guerrilheiro másculo e viril, cujo maior atributo seria lutar por sua nação. A defesa dela estaria ligada, portanto, à masculinidade e, conseqüentemente, à defesa da pátria. O principal e primordial objetivo desse “homem novo” socialista seria perpetuar na vida cotidiana uma atitude heroica e revolucionária, que se encontrou no presente em guerrilheiros que lutariam por sua nação. Quando Raúl Castro fala que uma

característica dos jovens cubanos seria estar dispostos a se sacrificar pela revolução, tornando-se guerrilheiros revolucionários, e não a se inspirar em “*en los bailadores de twist ni de rock and roll*”, fica claro como aqueles que não possuíam valores revolucionários e gostavam de *twist* ou músicas do estilo *rock and roll* eram considerados como passíveis a manipulação inimiga, pois em um momento em que Cuba lutava contra o imperialismo, qualquer sinal de desvirtuamento significava perigo.

Com isso a construção da sociedade pós revolução dependia do comprometimento dos cubanos com a Revolução, o que significava moldar os indivíduos em uma nova moral de defesa e honra de sua nação e assim atingir uma plenitude de sua pátria. Diante disso, os considerados “*maricones*” deveriam passar por uma reeducação, de forma a reabilitá-los para torná-los indivíduos/homens socialistas, capazes de serem participantes ativos da construção de uma sociedade nova, capazes de honrar e defender a pátria, aptos a colocar a famosa frase de Fidel Castro em prática: “*¡Patria o Muerte!*”.

Aqueles homens considerados “desviantes”, como era os casos dos homossexuais, também eram tidos como mais influenciáveis, ou seja, mais sujeitos ao imperialismo norte-americano. Desse modo, a “reabilitação” desses sujeitos era considerada necessária para que Cuba não ficasse expostas a ataques contra a revolução. Ao cunhar o ideal de “homem novo” cubano, pautado em honra e em valores viris de masculinidade, Che Guevara contrapõe-se à masculinidade moderna, que estaria pautada em solidariedade, recusa a força, conseqüentemente à guerrilha, à luta armada e também à renúncia ao nacionalismo. A defesa da revolução, segundo Guevara, deveria estar nas mãos de homens honrados, que enfrentariam trabalhos, ocupações, deveres e obrigações só pela sensação de dever cumprido,

que defenderia as massas e faria sacrifícios durante os períodos críticos da revolução (GUEVARA, 1988).

Com isso os corpos dos indivíduos ficavam, então, sujeitos a uma masculinidade pautada em uma vanguarda revolucionária, que se baseava, mesmo que inconscientemente, em valores machistas de seu tempo. No documentário *Conducta Impropia* (1984) – produzido por Nestor Almendros⁶ e Orlando Jiménez Leal⁷ no ano de 1984 –, que aborda os direitos humanos e perseguições em Cuba, partindo de entrevistas com ex-internos das Unidade Militares de Ajuda a Produção (Umaps). Os intelectuais perseguidos pela revolução e os indivíduos que sofreram com práticas de repressão exercidas pelo governo revolucionário, procuram produzir sentidos a partir das experiências daqueles perseguidos. Na fala dos entrevistados é possível observar que a homossexualidade perseguida tinha mais a ver com a pauta social do “homem novo”, entendida e presente em valores conectados a uma masculinidade viril e heroica, que por sua vez estava mais ligada à representação do indivíduo na sociedade, do que com sua sexualidade. O que podemos observar na fala de José Mario, um dos entrevistados, que ao se apresentar para o Serviço Militar Obrigatório (SMO), passa por uma situação constrangedora na qual seus trejeitos são julgados. Segundo ele ao chegar,

o militar me disse que caminhasse, que desse uma volta no salão e que caminhasse. Eu, com certo assombro, obedeci,

⁶ Foi um cineasta contemporâneo que após 1959 produziu diversos filmes para a revolução. Após alguns de seus filmes serem censurados se exilou em Paris. Para mais informações: Néstor Almendros Biography. Disponível em <<https://comunidadeculturaarte.com/a-historia-de-nestor-almendros-o-senhor-da-fotografia-de-rohmer-truffaut-malick-ate-a-calvin-klein/>>. Acesso em 27 set. 2022.

⁷ É um diretor cubano, que após ter seu curta-metragem PM censurado, provocou o famoso discurso de Castro "Palabras a los intelectuales", onde se definiu a política cultural do governo cubano. Para mais informações: Orlando Jiménez Leal. Disponível em <<https://otrolunes.com/archivos/12/html/otros-miran/otros-miran-n12-a01-p01-2010.html>>. Acesso em 27 set. 2022.

caminhei por todo o salão, dei a volta inteira. Ordenou-me, então, que caminhasse de costas para ele e com muita ironia falou: Vês? De agora em diante nós vamos fazer de você um homem (ALMENDROS, Néstor; JIMÉNEZ LEAL, Orlando apud CABRERA, Isabel Ibarra; MARQUES, Rickley Leandro, 2017, p. 83).

Fica claro, assim, que as representações que compõem o guerrilheiro revolucionário e o ideal de “homem novo” tinham expectativas ligadas aos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres, que são associados à cultura machista que permeia não apenas a sociedade cubana, mas também a sociedade como um todo. Assim, a condenação desses indivíduos homoafetivos estaria ligada ao papel desempenhado por eles, que são socialmente demarcados desde o nascimento e por seus corpos.

Essas expectativas criadas sobre os comportamentos de homens e mulheres, que nem sempre são conscientes, não se fazem presentes somente em questões contemporâneas cubanas, mas assemelha-se com questões postas nas sociedades antigas, como vão nos mostrar Peter Fry e Edward MacRae (1983). Ao falar dos índios Guaiiqui do Paraguai, os autores demonstram como a homossexualidade era pautada nos papéis sociais e na divisão do trabalho do que na própria sexualidade. Na tribo,

parece claro que entre os guaiiqui a masculinidade se baseia em dois pontos fundamentais: no uso do arco e num papel "ativo" nas relações sexuais. Por outro lado, a feminilidade se baseia no uso do cesto e relações sexuais "passivas". Quando um homem quebra uma das regras básicas da masculinidade, ele se torna uma pessoa malvista (Chachu). Porém, ele pode recuperar uma certa posição na sociedade cruzando a barreira entre os sexos e assumindo o papel social e sexual da mulher. (FRY, Peter; MACRAE, Edward, 1983, p. 35).

O que existiria, segundo os autores, era “identidades sociais e sexuais construídas de combinações de sexo biológico e papéis

sexuais” (FRY, Peter; MACRAE, Edward, 1983, p. 39). Ou seja, quando o papel social que é esperado do homem é desempenhado na tribo, nesse caso como caçador, sua sexualidade não era questionada, independente de ele se relacionar com homens ou passar grande parte do seu tempo com as mulheres. Pode-se dizer que a sociedade cubana, ao cunhar o ideal de “homem novo”, seguia os mesmos moldes. Isso porque dentro do grupo de dirigentes revolucionários havia homens homossexuais, contudo eles não foram taxados como “*maricones*” (MAUVAISE Conduite, 1984, 115min.), pois eram considerados guerrilheiros e participaram da luta armada. Por esse motivo eram considerados homens que estariam dispostos a morrer pela revolução.

Assim seria mais condenável quebrar com essas construções de masculinidade, do que efetivamente com as questões sexuais. Era inaceitável trejeitar feminilidade e assumir papéis femininos publicamente, pois isso implicaria na não condenação social daqueles homens que cumpriam com os valores viris de masculinidade pulsante na época. O que nos faz pensar que nem sempre a sexualidade limitava os indivíduos a serem guerrilheiros ou dirigentes nas cadeiras revolucionárias, e sim demonstrá-la. Quando José Mario é questionado pelo seu andar percebe-se tal negação a feminilidade, pensada até como o antônimo de honra.

Esse ideal foi teorizado em muitas sociedades com o intuito de quebrar a hegemonia das classes políticas liberais, que buscava criar um homem egoísta e inábil, que serviria para impulsionar o desenvolvimento da sociedade, perpetuando nas relações de gêneros os valores hegemônicos e heteronormativos, constituinte das épocas e localizações geográficas nas quais foi cunhado.

Diante disso, pode-se dizer que a questão homossexual em Cuba, durante 1960, foi bastante associada ao ideal de “homem novo”,

uma vez que além de buscar moldar uma mentalidade socialista, revolucionária e involuntária, conseqüentemente contornava os corpos dos indivíduos, culminando na construção de padrões excludentes às demais sexualidades que não se encaixassem. No entanto, essa sujeição dos corpos não pode ser retirada de seu contexto, posto o momento político e econômico que Cuba passava pós-revolução, bem como não se deve considerá-la fora de uma visão mundial sobre a homossexualidade.

A sociedade cubana também não foi algo soberano que conseguiu suprimir as sexualidades sem resistência e de maneira integral. Prova disso é que nos tempos atuais Cuba é um país onde o movimento LGBTQIA+ tem espaço para lutar por seus direitos. No fim de 2022 foi reformulado o *Código de las Familias*, que implementou, via plebiscito, o casamento entre pessoas do mesmo sexo, o que demonstra como os sujeitos da comunidade LGBTQIA+ tem relativa liberdade para manifestar-se, até mesmo contra o governo, em busca de seus direitos. No entanto, a comunidade LGBTQIA+ ainda precisa encarar uma árdua e permanente batalha no que se refere à afirmação de seus direitos, pois a sociedade cubana – a semelhança do restante das sociedades em todo o globo – carrega em suas entranhas uma forte e resistente cultura machista.

Fontes

ALMENDROS, Néstor; JIMÉNEZ LEAL, Orlando. *Conducta Impropia*. Madrid: Editorial Playor, 1984. apud CABRERA, Isabel Ibarra; MARQUES, Rickley Leandro. O filme documentário *Mavaise Conduite: memória e direitos humanos em Cuba. Anos 90*, Porto Alegre, v. 24, n. 46, dez. 2017.

ASAMBLEA Nacional del Poder Popular. Proyecto Código de las Familias. Versión 25. 2022. Disponível em: <<https://www.parlamentocubano.gob.cu/sites/default/files/documento/>

2022-07/CF%20V%2025-140622%20VF%20%20Para%20ANPP%20%282%29_0.pdf>. Acesso em 25 ago. 2022.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario de Cuba, en la clausura del acto para conmemorar el vi aniversario del asalto al palacio presidencial, celebrado en la escalinata de la Universidad de la Habana, el 13 de marzo de 1963. Disponível em:<<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f130363e.html>>. Acesso em: 12 set.

2022.

CASTRO, Grasielle. Fidel travou cruzada para manter crianças e jovens longe dos gays [26/11/2016]. Disponível em:<https://www.huffpostbrasil.com/2016/11/26/fidel-travou-cruzada-para-manter-criancas-ejovens-longo-dos-gay_n_13248392.html>. Acesso em: 27 mar. 2020.

Che Guevara, Ernesto. El socialismo y el hombre en Cuba. Editora Política, La Habana, 1988.

ECURED. Carlos Manuel de Céspedes García-Menocal (1936-2014). Disponível em<[https://www.ecured.cu/Carlos_Manuel_de_C%C3%A9spedes_Garc%C3%ADa-Menocal_\(1936-2014\)](https://www.ecured.cu/Carlos_Manuel_de_C%C3%A9spedes_Garc%C3%ADa-Menocal_(1936-2014))>. Acesso em 19 set, 2022.

ESCOBAR, Reinaldo. La Unión de Jóvenes Comunista y la devaluación de su militancia [05/04/2016]. Disponível em:<https://www.14ymedio.com/blogs/desde_aqui/Union-Jovenes-Comunista-devaluacion-militancia_7_1975072474.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

KOLBANOSKI, V. “A Moral Comunista (1947)”. In: Problemas – Revista Mensal de Cultura Política, 17, fev-mar. In: Marxist Internet Archive. Disponível em<http://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/17/moral.htm>. Acesso em 13 set. 2022.

MADERO, Abel Sierra. Academias para producir machos en Cuba. Letras libres, 21 jan. 2016. Disponível em:<<https://www.letraslibres.com/espana-mexico/politica/academias-producir-machos-en-cuba>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

MADERO, Abel Sierra. La política, la religión y el hombre nuevo: al habla con Carlos Manuel de Céspedes [05/01/2014]. Disponível em<http://archivo.diariodecuba.com/cuba/1388872692_6561.html>. Acesso em 28 out. 2019.

MAUVAISE Conduite. Direção: Néstor Almendros e Orlando Jiménez Leal. Coprodução: Margaret Menegoz; Barbet Shroeder; Michel Tholouze. França: Antenne 2; Les Films du Losange, 1984. (115 min).

VERDADES OFENDEN. UMAP, campos de concentración en la Cuba de Fidel Castro. [15/11/2020]. Disponível em: <<https://laverdadofende.blog/2014/05/18/umap-campos-de-concentrac-ion-en-la-cuba-de-fidel-castro/>>. Acesso em: 15 set. 2022.

VYGOTSKY, Lev. A transformação socialista do homem. Escrito: 1930. Fonte da presente Tradução: Marxists Internet Archive, english version. Tradução de: Nilson Dória para o Marxists Internet Archive, julho de 2004. HTML por José Braz para Marxists Internet Archive, outubro de 2004.

Referências bibliográficas

BASÍLIO, Guilherme. Samora Machel: O princípio do Homem Novo e seus significados. UDZIWI, REVISTA DE EDUCAÇÃO DA UP. Moçambique, Capa > n. 7. 2011.

BIBLIA, COLOSSENSES 3. Português. In: Bíblia sagrada. Reed. Versão online. Disponível em <<https://www.bible.com/pt/bible/211/COL.3.NTLH>>. Acesso em 19 set. 2022.

BIBLIA, EFÉSIOS 4. Português. In: Bíblia sagrada. Reed. Versão online. Disponível em <<https://www.bible.com/pt/bible/211/EPH.4.NTLH>>. Acesso em 19 set. 2022.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. O que é Homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GOMES, Ângela Maria de Castro. A construção do homem novo: o trabalhador brasileiro. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria de Castro. Estado novo: ideologia e poder. Rio de Janeiro: Zohara 1982.

LUGARINHO, Mario. Cesar. (2013). Masculinidade e colonialismo: em direção ao “homem novo” (subsídios para os estudos de gênero e para os estudos pós-coloniais no contexto de língua portuguesa). *Abril – NEPA / UFF*, 5(10), 15-38.

MOÇAMBIQUE. Lei nº Lei nº4/83 de 23 de março de 1983. Institui o Código Civil. Boletim da republica: I serie - número 12, Moçambique, p. 13-21, 23 mar. 1983. Disponível em: <https://www.iese.ac.mz/lib/PPI/IESEPPI/pastas/governacao/educacao/l_egislativo_documentos_oficiais/leiSNE.pdf>. Acesso em: 13 set. 2022.

PERICÁS, Luiz Bernardo. Che Guevara e o Homem Novo. *In*: COGGIOLA, Osvaldo (org). *Revolução Cubana: história e problemas atuais*. São Paulo: Editora Xamã, 1998,

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar - Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SANTOS, Giselle Cristina dos Anjos; ARAS, Lina Maria Brandão. *Gênero e Revolução: o novo homem e a nova mulher na Revolução Cubana. Anais eletrônicos do III SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: olhares diversos sobre a diferença*. 2011. João Pessoa-PB. Disponível em: <<http://itaporanga.net/genero/3/01/18.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

TESSADORI, Pietro. *O homem novo do fascismo italiano e do Estado novo português*. Tese de doutoramento, História (Dinâmicas do Mundo Contemporâneo), Universidade de Lisboa, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, Universidade de Évora, 2014.